

Título: O trabalho negro oculto na paisagem

Autor: Rogério Ribeiro Oliveira, Marcela Kropf

E-mail: rro@puc-rio.com.br ; marcela.kropf@unila.edu.br

A paisagem se encontra impregnada de passado e as marcas do trabalho nela impresso ao longo do tempo constituem o principal vetor de sua transformação. No caso do Brasil, numerosos segmentos da população deixaram um patrimônio significativo em termos de cultura material. No entanto, para a cultura africana, são muito exíguos os indicadores de sua presença, pois se trata de um segmento social muito pouco privilegiado no contexto do Brasil escravocrata e que, por isso mesmo, não contava com abundante e sofisticada cultura material. Embora esta presença exista, muitas vezes esta é pouco significativa, está oculta ao olhar de quem a pesquisa ou é de difícil percepção. No presente trabalho procuramos evidenciar que, em se tratando de trabalho humano, muitas vezes os "bastidores" da paisagem contêm mais informação acerca de sua existência pretérita do que aquilo que é diretamente perceptível. Os caminhos assumidos pelo trabalho humano ao longo dos séculos são extremamente heterogêneos e variam de acordo com tecnologias dos distintos segmentos sociais. Três pontos são relevantes para se reconhecer o trabalho de escravizados na paisagem: 1) a invisibilidade do trabalho provocada por processos naturais, tanto por variáveis bióticas como abióticas e 2) a invisibilidade do trabalho na paisagem por dificuldades culturais. Este ponto perpassa por muitos aspectos da pesquisa histórica da paisagem por diversas causas, como os anacronismos históricos que possam aparecer na reconstrução de etapas da transformação da paisagem. O passado escravagista do Brasil em muito contribuiu para a ocultação do seu trabalho em função de sua própria natureza. Existe também muito pouco em termos de documentação escrita acerca da história da sua influência na formação da paisagem e 3) como o trabalho dos próprios escravizados para si deixou poucos vestígios, apenas o trabalho dos mesmos feitos para seus proprietários é conspícuo. Somente sob este ponto de vista é que o produto do trabalho dos escravizados surge de maneira intensa e substantiva em termos de transformação da paisagem. Os exemplos a serem tratados dizem respeito às atividades da economia central do século XIX, como o café na região Sudeste na bacia do Rio Paraíba do Sul e os antigos caminhos históricos. No primeiro caso, a atual paisagem da bacia do Rio Paraíba do Sul, por onde passou o café, com seus morros erodidos e desprovidos de vegetação é o repositório maior do trabalho de escravizados. Esta paisagem guarda um grande número de etapas invisibilizadas, como a derrubada da floresta, o plantio do café, a manutenção das fazendas, etc. No caso dos caminhos históricos que perpassam a Serra do Mar, o trabalho escravo é tornado manifesto pelo exame de suas trajetórias, técnicas construtivas e principalmente pelo calçamento em rochas de vastas áreas. Estes pontos ganham relevância ao entendermos que grande parte das pesquisas em História Ambiental passa pela reconstrução de narrativas que emergem da natureza vencida, e traz à luz histórias ocultas de sujeitos silenciados.